

## **REFLEXÕES SOBRE A LÍNGUA ESCRITA E FALADA NO ENSINO DA LÍNGUA MATERNA**

### **REFLECTIONS ABOUT THE WRITTEN AND SPOKEN LANGUAGE IN THE TEACHING OF MOTHER LANGUAGE**

POLEZER, J. S.; VECCHIA, A. S.

Faculdade de Letras/FIO/FEMM

#### **RESUMO**

Este trabalho tem como objetivo levantar as diferenças da língua falada e língua escrita e com isso fazer uma reflexão sobre o porquê de ensinarmos ambas nas escolas. Uma das razões está na hora da escrita, para conseguirmos um texto coerente, precisamos saber como não transcrevermos nossas falas para o texto (influência da fala na escrita). Passamos também por alguns aspectos da língua falada no dia a dia, assim como as variações lingüísticas: histórica, geográfica, social e estilística, ou seja, diferenças internas na maneira de falar. As variações lingüísticas nas escolas são encaradas como "erradas", ou seja, o aluno é discriminado pela marca profunda da variação lingüística. Isso se faz um problema para os professores nas salas de aula, pois não sabem como lidar com esse preconceito, e às vezes eles são os preconceituosos, pois são regidos pelo conceito da gramática normativa (conceito de que se não seguirmos rigidamente as regras da forma culta estamos cometendo erros) que é o último ponto dessa pesquisa, levantarmos as diferenças entre as gramáticas normativa e descritivas, fazendo com que os professores façam uso também dessa última.

Palavras-chave: Línguas: falada e escrita, variações lingüísticas ou preconceitos lingüísticos e gramáticas: normativa e descritiva.

#### **ABSTRACT**

This work aims to raise the differences of spoken language and written languages and thereby to think about why of both teaching in schools. One reason is in writing, to achieve a well-written text, we learn how not write our discourse for the text (influence of speech in writing). We also by some aspects of the language spoken on a daily basis, as well as linguistics variations: history, geography, social and stylistic, or internal differences in the way of speak. Changes linguistics variations in schools are seen as "wrong", or the student is distinguished by the mark of deep linguistic change. This is a problem for teachers in the classrooms because they do not know how to deal with this prejudice, and sometimes they are prejudiced; governed by the concept of normative grammar (concept that if we are not following the rules rigidly, we are committing mistakes) which is the last point of this search, point out the differences between the normative and descriptive grammars, so that teachers also make use of this last.

Keywords: Spoken and written languages, linguistics variations or linguistics prejudice and normative and descriptive grammars.

#### **INTRODUÇÃO**

Se o aluno tem dúvidas e dificuldades quanto a maneira de escrever a culpa é de quem? Observamos que muitas vezes as pessoas escrevem de maneira econômica, cedendo às marcas do cotidiano, da língua falada, ao invés de escreverem de uma maneira mais trabalhada, coesa e organizada.

A partir do ponto de vista da língua, podemos levantar questões sobre algumas dúvidas da língua materna, como, como ensinar a língua materna sem nos regermos somente pelas gramáticas contidas nos livros didáticos.

## DESENVOLVIMENTO

Essa dificuldade em sabermos utilizar corretamente a língua escrita é muito comum, pois, diferente da fala, a escrita precisa de um número maior de palavras para transmitir uma informação, podemos dizer então que a escrita é uma forma mais complexa e elaborada da fala. (VECCHIA.2008:24)

Essa conclusão que chegamos é a maior dificuldade encontrada entre crianças e adolescentes para redigir textos nas escolas, pelo fato de a criança já conseguir se comunicar, na hora de passarem as idéias para o papel, a tendência é acabar transcrevendo suas falas.

Conforme Possenti & Ilari, o fato da criança já saber fazer uso da língua falada dá-se pela gramática internalizada, ou seja, definir “gramática” como um conjunto de regras internalizadas é apenas admitir a hipótese de que, para produzir expressões lingüísticas, um falante não atua por intenção, mas acionando um conhecimento implícito adquirido na comunidade em que vive. (1987:14)

Uma maneira de fazer com que o aluno não cometa mais essa confusão entre o falar e o escrever, é ensinar as características da língua falada e da língua escrita diferenciando-as.

Com base nos textos de Risso (1994) e Faraco & Tezza (1992) chegamos a seguinte distinção:

Aprendemos naturalmente a língua oral. Basta a criança conviver com pessoas que falam a língua para que em dois anos domine o sistema lingüístico; o contexto é presente, sem exigência de pormenores; usamos recursos expressivos, tais como gestos, entonação, sobreposição de vozes, ritmo, expressão facial e outros; o tempo de processamento é rápido entre a elaboração mental do discurso e sua manifestação verbal; adensamento de certas marcas: elipses, anacolutos, correções entre outros; há a presença do interlocutor; e mudança brusca de assunto.

Enquanto que na língua escrita a aprendizagem é lenta; precisamos ser expostos ao contexto; os recursos expressivos são usados com a intenção de produzir o mesmo efeito que o da oralidade, como aspas, palavras sublinhadas, palavras em letras maiúscula; tempo de processamento lento: rascunho mental, ou segundo Vygotsky, uma fala interior ; os recursos de compactação lingüística são expressos por uma variada relação de dependência lógica semântica entre as

proposições, que permitem maior densidade informal, contida em unidades sintáticas mais elaboradas e integradas entre si; o leitor pode ser conhecido ou não e pode estar em espaço e tempo diferentes da manifestação do discurso; apresentando início, meio e fim.

Além da dificuldade de aprender a colocar suas idéias de maneira mais coesa e organizada em um texto, os alunos também estão envolvidos com problemas de variação lingüística, ou seja, embora um grupo de pessoas que utilizam a mesma língua constitua uma comunidade lingüística, isto não significa que essa língua seja homogênia e uniforme.

Segundo “A Nova Gramática de Português Contemporâneo”, de Cunha e Cintra, a língua apresenta, pelo menos, três tipos de diferenças internas, que podem ser mais ou menos profundas:

1º) diferenças no espaço geográfico, ou variações diatópicas (falares locais, variantes regionais, e até intercontinentais – notamos variações que se traduzem na forma de pronunciar os sons, nas construções sintáticas e no uso característico do vocabulário);

2º) diferenças entre as camadas socioculturais, ou variações diastráticas (nível culto, língua padrão, nível popular, etc. – essa variação é resultado da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da comunidade);

3º) diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, ou variações diafásicas (língua falada, língua escrita, língua literária, linguagens especiais, linguagem dos homens, linguagem das mulheres, etc. – ou seja, a variação diafásica é o resultado da adaptação da forma lingüística específica do ato verbal, relativamente às circunstâncias em que se produz; cada indivíduo possui uma forma e estilo de falar próprio, adequando-o de acordo com a situação em que se encontra).

O texto de Roberto G. Camacho apresenta mais um tipo de variação lingüística, a variação histórica, ou seja, palavras e expressões que caíram em desuso com o passar do tempo. Acontece ao longo de um determinado período de tempo, pode ser identificada ao se comparar dois estados de uma língua. O processo de mudança é gradual: uma variante inicialmente utilizada por um grupo restrito de falantes passa a ser adotado por indivíduos socioeconomicamente mais expressivo. A forma antiga permanece ainda entre as gerações mais velhas, período em que as duas variantes convivem; porém com o tempo a nova variante torna-se normal na fala, e finalmente consagra-se pelo uso na modalidade escrita. As mudanças podem ser de grafia ou de significado.

Entretanto, mesmo que as variantes padrões acima expliquem as variações lingüísticas, o falante que não domina a norma culta é excluído do meio, das pessoas que são consideradas “corretamente cultas”. Esse preconceito é chamado de preconceito lingüístico, ou seja, atitude que consiste em discriminar alguém pela maneira que fala.

Marcos Bagno escreveu um livro sobre preconceito lingüístico, e diz que o mesmo está diretamente ligado a confusão que fizeram entre língua e gramática normativa, ou seja, não existe “certo” ou “errado” no ato lingüístico, mas sim, variantes decorrentes de alguns fatores, como por exemplo, os já citados nesse estudo: histórico, geográfico, social e estilístico.

A ortografia oficial é necessária, mas não se pode ensiná-la tentando criar uma língua falada padrão e julgarmos como erradas as pronúncias que são marcas profundas, ou não, da variação lingüística.

Podemos então dizer que a existência do preconceito lingüístico é fruto do não entendimento das pessoas quanto às variações lingüísticas, além da cobrança da gramática normativa. Isso nos faz refletir sobre o ensino da gramática nas escolas, ou melhor, o objetivo do ensino da língua materna.

O conceito de ensinar a língua materna foi reduzido a um só, ensinar a gramática normativa, ou seja, seguirmos um conjunto de regras para que se possa falar e escrever corretamente. (ILARI, 1987, p.17). Com isso o professor elimina os erros que o aluno comete.

Mas esse não é o objetivo da língua materna, os objetivos são de fazer com que o aluno desenvolva a competência de se comunicar, a dominar a norma culta e

a ENSINAR A VARIEDADE ESCRITA DA LÍNGUA (grifo nosso), além de fazer com que o aluno pense e raciocine. (TRAVAGLIA, 1996, p. 20).

O que nos faz pensar que a gramática normativa é a menos útil, pois ela está fazendo a sistematização da língua, fazendo com que os alunos sigam regras.

Contrapondo-se com as regras que nos são impostas, temos regras que são seguidas, ou seja, a gramática descritiva, onde há a preocupação com as línguas como são faladas, com as suas variantes. Nenhum dado é erro, e isso marca a diferença fundamental entre as duas gramáticas apresentadas até então.

### CONCLUSÃO

Mas apesar das diferenças, ensinar gramática é ensinar a língua em toda sua variedade de usos, e ensinar regras e ensinar o domínio do uso. E que o mais importante é que o aluno venha a dominar efetivamente o maior número possível de regras, isto é, que se torne capaz de se expressar nas mais diversas circunstâncias segundo as circunstâncias. O papel do professor não é ensinar uma variante no lugar de outra, mas sim, de criar condições para que os alunos aprendam e entendam também outras variantes.

O professor deve fazer, junto com o aluno, uma reflexão sobre as línguas falada e escrita, e assim, chegar ao ensino da língua materna, que como já dito, não é gramática.

Observamos então que não há um método perfeito, ou um culpado pela dificuldade do aluno em escrever; e sim equívocos, ou seja, para que haja construção de conhecimento por parte dos alunos, devemos levar em consideração sim as regras, mas não esquecendo nunca das variantes presentes em nosso país.

### REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 36ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

CAMACHO, Roberto G. “**A variação lingüística**” . In: *Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa para o 1º e 2º graus.* Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. São Paulo: SE/CENP, 1988. P. 29 – 41.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. Lindley. **Nova gramática do Português Contemporâneo.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, Carlos Alberto & TEZZA, Cristóvão. “**Língua e escrita**”. In: *Prática de texto: língua portuguesa para nossos estudantes*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1992, p. 79 – 99.

\_\_\_\_\_ & Ilari, Rodolfo. “**Ensino de língua e gramática: alterar conteúdos ou alterar imagem do professor?**”. In: *Linguística aplicada ao ensino de português*. Org.: Kirst, M. e Clemente, I. Porto Alegre: mercado Aberto, 1987. p. 7 – 15.

RISSO, M. S. “**Língua falada – língua escrita: conceitos e preconceitos**”. In: *Confluência. Boletim do Departamento de Linguística* (Faculdade de Ciências e Letras – UNESP) Assis – SP, ano 3, 1994. P.55 – 63.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola – Uma perspectiva social**. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

VECCHIA, Andréa. **A argumentação na escrita**. São Paulo: Scortecci, 2008.

VYGOTSKY, L. S. “**Pensamento e Palavra**”. In: *Pensamento e Linguagem*. Tradução: Jeferson Luiz Camargo. Revisão técnica: José Cipolla Neto. 3ª ed. Brasileira. São Paulo: Martins Fontes, junho 1991.